

ALIENAÇÃO RELIGIOSA EM FEUERBACH E LUKÁCS

Walber Nogueira da Silva

Mestre em Filosofia pela UFC

walber18fortaleza@gmail.com

Resumo

O presente artigo almeja desenvolver um viés crítico de leitura para o debate acerca da religião como forma de alienação, a partir do cotejo teórico entre as filosofias materialistas de Feuerbach e de Lukács, esta de matriz marxista, tendo como parâmetro as categorias *alienação*, *ser genérico* e *ser social*. Pretendemos mostrar, num primeiro momento, como Ludwig Feuerbach formulou, a partir de uma crítica a Hegel, uma concepção de religião como forma alienada dos predicados humanos, como forma fantástica pela qual se manifesta a universalidade da espécie humana. Num segundo momento, partindo das considerações críticas de Lukács a respeito de Feuerbach e de Hegel, críticas estas que têm em Marx seu fundamento filosófico, pretendemos mostrar como, para o pensador húngaro, a religião é uma deformação ideológica da imagem humana do mundo derivada do processo material de autorreprodução da humanidade e da vida cotidiana, o que nos levará a concluir que o pensamento de Feuerbach representa uma virada ontológica ao sustentar a materialidade do ser, porém, há limites em seu pensamento, visto que ele não vê a atividade humana como atividade objetiva. Ao propor uma ontologia do ser social a partir do complexo do trabalho, Lukács estabelece estes limites e as possibilidades de sua superação. Para cumprir a proposta de estudo e exposição, agruparemos nossa pesquisa analiticamente em três momentos, a saber: i) exposição do conceito de religião em Feuerbach; ii) discussão das críticas de Lukács a Hegel e a Feuerbach; iii) análise do conceito de alienação religiosa em Lukács.

Palavras-chave: Religião. Alienação. Ser social. Ontologia materialista.

Abstract

This article aims to develop a critical reading bias for the debate about religion as a form of alienation, based on the theoretical comparison between the materialist philosophy of Feuerbach and the marxist philosophy of Lukács, having as a parameter the categories alienation, generic being and being social. We intend to show, at first, how Ludwig Feuerbach formulated, from a critique of Hegel, a conception of religion as alienated form of human predicates, as a fantastic form through which the universality of the human species is manifested. In a second moment, starting from Lukács's critical remarks about Feuerbach and Hegel, which have in Marx his philosophical foundation, we intend to show how, for the Hungarian thinker, religion is an ideological deformation of world's human image derived from material process of self-reproduction of humanity and daily life, which will lead us to conclude that Feuerbach's thought represents an ontological turning point in sustaining the materiality of being, but there are limits in his thought, since he does not see the activity human activity as an objective activity. By proposing an ontology of social being from the starting point of the work's complex, Lukács establishes these limits and the possibilities of their overcoming. In order to fulfill the proposal of study and exposition, we will group our research analytically in three moments, namely: i) exposition of the concept of religion in Feuerbach; ii) discussion of Lukács' criticisms of Hegel and Feuerbach; iii) analysis of the concept of religious alienation in Lukács.

Keywords: Religion. Alienation. Social Being. Materialistic Ontology.

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 1	p. 88-102	jan./jun. 2019
-------------	--------	------	------	-----------	----------------

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo principal analisar os pensamentos de Feuerbach e Lukács acerca da religião e esta como uma forma de alienação. Em sua obra *A Essência do cristianismo (Das Wesen des Christentums)*, publicada em 1841, Ludwig Feuerbach parte da busca pelo fundamento antropológico da religião: o conhecimento de Deus como conhecimento do próprio homem. Naquele momento, meados do século XIX, a crítica da religião era importante porque era necessário criticar a estrutura feudal que ainda existia na Alemanha e cujo sistema ideológico se encontrava na religião. Esta situação anacrônica devia ser superada, mas como fazê-lo se todo o organismo social era teologicamente justificado e a injusta ordem social vigente se colocava como portadora da vontade e onipotência divinas e, portanto, como sendo a única possível? Para a filosofia comprometida com a transformação da realidade, só restava a crítica à própria religião, já que esta era uma forma ideológica de justificação e manutenção da estrutura social injusta ora vigente. Uma vez livre destas supostas determinações divinas, o homem poderia assumir sua liberdade e construir a si e a sociedade a partir dele mesmo.

Já György Lukács vai se debruçar sobre o problema da religião como alienação (*Entfremdung*) em sua obra *Para a Ontologia do Ser Social (Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins)*, publicada na década de 70 do século passado. Seu objetivo é mostrar como o pensamento burguês, deturpando a Filosofia, transforma-a em defensora da sociedade burguesa, traduzida em movimentos como o irracionalismo. Por isso seria necessário a constituição de uma autêntica ontologia materialista, cuja base seria a obra de K. Marx.

Pretendemos neste trabalho expor a crítica de ambos os pensadores à religião e os limites da perspectiva feuerbachiana apontados por Lukács.

2 Feuerbach

Buscando os fundamentos humanos que possibilitam a religião, Feuerbach principia sua análise pelo fato de que só os homens têm religião, os animais, não: “[...] a religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2007, p. 35). Como isso é possível? – pergunta ele. Para responder a esta pergunta, parte da constatação de que o ser humano tem consciência, no sentido rigoroso do termo, o que significa que os seres humanos podem, além da consciência da sua individualidade, ter consciência também do seu gênero, da espécie como um todo. Daí ser o homem um ser genérico (*Gattungswesen*):

Consciência no sentido rigoroso existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua quiddidade. De fato, é o animal objeto para si mesmo como indivíduo – por isso ele tem sentimento de si mesmo – mas não como gênero – por isso falta-lhe a consciência, cujo nome deriva de saber (FEUERBACH, 2007, p. 35).

Enquanto o animal tem uma vida simples, o homem possui uma vida dupla: além de sua existência exterior, o homem possui uma vida interior, proveniente de sua relação com o gênero, com a essência humana. Assim, enquanto o homem é capaz de pensar, de ser para si mesmo *eu* e também *tu* (ou seja, o seu gênero pode ser-lhe objeto), o animal não pode exercer funções de gênero sem ter um outro fora dele, já que “[...] vive a dupla limitação de seu ser restrito que, por ser restrito, o

impede também de ter uma consciência ampla, universal, infinita: que é, no final das contas, consciência da própria infinitude da consciência” (FREDERICO, 2009, p. 32).

Na religião, o homem tem por objeto essa sua essência genérica, uma vez que a consciência fundante da religião fornece ao mesmo tempo a esta o seu objeto: a essência humana. Então, aquilo que aparece como sendo um atributo divino (onipotência, infinitude, amor, sabedoria etc), nada mais é do que a expressão das próprias capacidades da espécie humana. No fenômeno religioso, portanto, o homem relaciona-se consigo mesmo.

Ora, “[...] um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência, do que seja um ser finito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência” (FEUERBACH, 2007, p. 36). Tal afirmação nos leva a concluir que não se pode pensar algo não pensável. É desta forma que, segundo Feuerbach, a religião é a consciência não finita da própria infinitude do homem.

“Qual é então a essência do homem, da qual ele é consciente, ou que realiza o gênero, a própria humanidade do gênero?” (*Ibidem*, p. 36). E Feuerbach responde: A razão, a vontade e o coração. É exatamente por estas dimensões que o indivíduo humano transcende a si mesmo, estabelece sua relação com o gênero e se sente enquanto ser particular, finito, perante a essência humana.

Vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui – porque ele nada é sem eles, ele só é o que é através deles –, são pois como os elementos que fundamentam sua essência e que ele nem possui nem produz, poderes que o animam, determinam e dominam – poderes divinos, absolutos, aos quais ele não pode oferecer resistência” (FEUERBACH, 2007, p. 37).

Dessa forma, o gênero, que está contido na razão, vontade e no coração, enquanto possibilidade da unidade do homem com o homem, é a própria essência humana. Portanto, a essência humana está fora do indivíduo restrito. Como estas características são atribuídas a Deus, Ele, o Todo-Poderoso, acaba sendo a possibilidade de libertação do homem dos limites da existência individual, na medida em que, por Ele, os seres humanos podem, como indivíduos particulares, darem-se conta de sua natureza universal.

O homem vai conhecendo sua essência à medida que toma consciência dos objetos, embora ela esteja nele mesmo enquanto potencialidade. O homem, ao tomar conhecimento dos objetos, conhece a si mesmo e a suas capacidades. Então, ele precisa do objeto para alcançar sua autoconsciência, embora o objeto da consciência não possa ir além da própria essência humana. O objeto é a afirmação da essência humana:

[...] toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo. E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais. (FEUERBACH, 2007, p. 38).

O homem não pode perceber, pensar ou sentir algo que esteja além da sua capacidade de perceber, pensar ou sentir. Assim, ao pensar o infinito, confirma a infinitude de sua capacidade de pensar, afinal, não poderia perceber sua finitude, suas limitações, se a infinitude do gênero não fosse objeto para ele. Por isso que ele não pode sentir a divindade pelo sentimento se este já não fosse por si mesmo divino:

Portanto, se pensas o infinito, pensas a infinitude da faculdade de pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da capacidade de sentir. O objeto da razão é a razão enquanto objeto de si mesma, o objeto do sentimento o sentimento enquanto objeto de si mesmo. [...] O sentimento é, pois, sacralizado meramente por ser sentimento; o motivo de sua religiosidade é sua natureza, é inerente a ele próprio" (FEUERBACH, 2007, pp. 41, 42).

Desse modo, se o sentimento faz parte da essência subjetiva da religião, outras forças, atividades e potências também o fazem. Deus é estas qualidades. A existência delas nos surpreende tanto que chegamos a pensar que são uma natureza fora de nós. Atribuímo-las a um Deus objetivo e exterior, e a *alienação religiosa* é isto: atribuir atributos próprios da essência humana a uma existência imaginária e estranha – um engano, portanto. A religião se constitui a partir deste engano: é a nossa própria essência, na verdade, que temos, quando consideramos a existência Deus.

Feuerbach intenta mostrar que aquilo que aparece como sendo atributo divino nada mais é que característica humana exteriorizada, reduzindo, assim, a teologia à antropologia, já que é do homem que trata.

A religião tem como fundamento as características da humanidade, logo, o que importa é buscar a essência subjetiva da religião. O homem aliena suas potencialidades em um ser superior, exterior a ele. Assim, aquilo que a religião toma como algo objetivo é, na verdade, a própria essência humana. Basta, portanto, invertê-la e teremos revelada a universalidade da humanidade. A religião é uma forma indireta do homem se conhecer, enquanto gênero:

A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento

com a sua essência como uma outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual, i. e., real, corporal, objetivada, contemplada e adorada como uma outra essência própria, diversa da dele – por isso todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana. (FEUERBACH, 2007, pp. 45, 46).

O problema principal é que o homem não reconhece o objeto religioso como sua própria essência objetivada. A essência humana projetada em Deus (o predicado) é a verdade do sujeito, mas este não a reconhece mais. Assim, na religião, o homem relaciona-se com a sua essência como se ela fosse uma outra que não lhe pertence mais. Isso ocorre porque a religião transfere para Deus toda a riqueza do homem, esvaziando-o. Ao projetar sua essência em Deus, o homem se empobrece a ponto de não mais reconhecê-la como sua e transforma-se passando de criador a criatura, a obra de sua obra:

O homem – e este é o segredo da religião – objetiva a sua essência e se faz novamente um objeto deste ser objetivado, transformado em sujeito, em pessoa; ele se pensa, é objeto para si, mas como um objeto de um objeto, de um outro ser. (FEUERBACH, 2007, pp. 58, 59).

Portanto, Deus é tudo e o homem, nada, o que mostra que a teologia cristã traz em si uma contemplação negativa, hostil ao homem: “[...] ela torna o homem pobre para enriquecer deus.” (CHAGAS, 2014, p. 82).

Com tais considerações, Feuerbach inverte de maneira materialista a relação entre Deus e o ser humano e transforma os problemas teológicos em problemas antropológicos, além de dar

[...] um impulso decisivo para a dissolução do hegelianismo, livrando as referidas questões do beco sem saída de uma interpretação hegeliana – que,

embora por vezes fosse radical do ponto de vista do conteúdo, metodologicamente sempre permaneceu interna a este – e confrontando o sistema hegeliano com a própria realidade. (LUKÁCS, 2012, p. 131)¹.

No entanto, Feuerbach não foi capaz de estender suas ideias antropológicas ao ser humano concreto, ao ser humano histórico-social. Daí Lukács ver que sua crítica ao idealismo hegeliano e à teologia conduzem a uma nova orientação ontológica, mas carecem de uma concepção de homem como ser histórico e social. Lukács ressalta inclusive que, para Marx, Feuerbach é o único que tem uma relação séria com a dialética hegeliana e o único que fez verdadeiras descobertas nesse domínio (LUKÁCS, 2013, pp. 640, 641), mas, após este reconhecimento, o próprio Marx o criticou por ele não perceber a dimensão histórica e ativa do homem.

Analisemos, pois, a crítica lukacsiana à concepção religiosa de Feuerbach e as contribuições do pensador húngaro à crítica da religião.

3 Lukács

Lukács vai tratar dos aspectos ideológicos da alienação na já referida obra *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*. Ao fazê-lo, reconhece as contribuições de Feuerbach para o pensamento marxiano², mas vai além daquele na concepção e estruturação de uma ontologia do ser social, segundo a qual o complexo do trabalho

-
- 1 Feuerbach considera que a filosofia de Hegel não deixa de ser uma teologia a partir do momento em que ele faz das determinações do homem as determinações divinas. Hegel considera a arte, a religião e a filosofia como manifestações do Espírito Absoluto, enquanto para Feuerbach são manifestações do próprio homem, da própria comunidade humana. Nisto consiste a viragem ontológica de Feuerbach em relação a Hegel (que tanto influenciou Marx e, conseqüentemente, Lukács): o pensar procede do ser, mas o ser não procede do pensar.
 - 2 Cabe aqui uma distinção: usamos *marxiano* com referência a Marx, sua obra e pensamento; já *marxista* diz respeito à tradição inaugurada por Marx, que se reivindica tributária das ideias do pensador alemão, portanto, posterior a ele.

(a base material da autorreprodução humana) engendra a partir da natureza um novo tipo de objetividade e de ser, humano e social.

De fato, para Lukács, a alienação se estabelece como a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e o crescimento de indivíduos singulares. As capacidades humanas desenvolvidas a partir das exigências da divisão social do trabalho impostas pela economia podem se converter em obstáculos ao tornar-se humano do homem, ao devir de sua personalidade. Essa negação social do ser humano, cuja base material encontra-se no processo de trabalho, ocorre na exploração do homem pelo homem e aparece como obstáculos sociais ao seu desenvolvimento, como um poder hostil a ele mesmo. Por um lado, tem-se a elevação das potencialidades humanas proporcionada pelo desenvolvimento das forças produtivas e, por outro, o aviltamento cada vez mais intenso das individualidades, em condições históricas específicas. A religião é um destes obstáculos e é uma forma de manifestação ideológica imediata da alienação.

Segundo Lukács, não há ser social sem que a ele corresponda a objetivação do objeto e a exteriorização do sujeito³. Tais momentos – objetivação e exteriorização – são decisivos na constituição da sociedade e dos indivíduos singulares e são também determinantes no ser e no tornar-se-alienado do homem.

Há uma elevação do sujeito em direção ao gênero humano quando este retroagir da exteriorização é positivo; ao contrário, há um rebaixamento da personalidade individual à particularidade burguesa quando este retroagir é

3 A objetivação posta pelo trabalho (o tornar-se-objeto de uma prévia-ideação) e pela divisão do trabalho, ao desenvolver as capacidades humanas, de acordo com as capacidades do desenvolvimento econômico-social, retroagem positiva ou negativamente sobre a personalidade. É este retroagir sobre o sujeito da objetivação que Lukács chama de *exteriorização*. A cada objetivação corresponde uma exteriorização do homem.

negativo, o que gera uma personalidade alienada, na medida em que aliena o homem do seu trabalho, de si mesmo, do seu ser genérico e dos outros homens.

Lukács afirma que a alienação é, em larga medida, um fenômeno também ideológico e que, ao apreender o fenômeno em toda a sua inteireza, resta claro que a alienação do homem vem de suas inter-relações com a vida cotidiana:

[...] o estranhamento (*Entfremdung*)⁴ é, em grande medida, também um fenômeno ideológico, [e] em particular a luta individual-subjetiva de libertação do estranhamento possui um caráter essencialmente ideológico. [...] Com efeito, das exposições feitas até aqui restou claro o seguinte: o estranhamento (*Entfremdung*) de todo homem singular brota diretamente de suas inter-relações com a sua própria vida cotidiana. (LUKÁCS, 2013, p. 637).

Porém, esta vida cotidiana não está separada das condições materiais de existência, já que o ser da vida cotidiana é o lugar ontológico onde as categorias sociais adquirem formas e conteúdos específicos. É lá que são gestadas mediações que conectam o indivíduo e a estrutura econômica material e, por isso mesmo, a investigação de um fenômeno ideológico não pode desconsiderar os problemas ontológicos da vida cotidiana:

[... a vida cotidiana] é, no todo, como nos detalhes, produto das relações econômicas imperantes em cada caso, e obviamente são estas que exercem as

4 Lukács utiliza o termo alemão *Entfremdung* quando sua intenção é ressaltar o fato de que o homem está encontrando oposição por parte de um poder hostil, criado por ele mesmo, de modo que ele frustra seu próprio propósito, como é o caso da religião. Preferimos traduzir este termo por *alienação* e é assim que o fazemos ao longo deste anteprojeto. No entanto, a edição em português da *Ontologia* de Lukács por nós utilizada, a da editora Boitempo, preferiu traduzir o referido termo como *estranhamento*. Fica aqui ressalvada a divergência e a solução que damos a ela: manteremos o termo *estranhamento* quando das citações da *Ontologia* apenas por fidelidade ao texto, mas preferimos *alienação* a este, por expressar, a nosso ver, de modo mais correto, este poder hostil criado pelo homem e que se volta contra ele.

influências em última análise decisiva sobre os homens, também nos campos ideológicos. [...] se a intenção for investigar um fenômeno ideológico em sua essência, em sua atualidade, em suas mudanças de orientação, etc., não há como passar ao largo dos problemas da ontologia da vida cotidiana. (LUKÁCS, 2013, p. 637).

A cotidianidade é, então, o *medium social* onde operam as exteriorizações dos indivíduos singulares e as determinações da existência humana, espaço onde os homens mantêm relações entre si: no trabalho, na família, onde moram, etc. Na ótica lukacsiana, a cotidianidade é insuprimível: não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana. Isso não significa um caráter meta-histórico: se em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade, em cada uma delas a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto a seu âmbito, quanto aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos em face da cotidianidade. O cotidiano é um dos níveis constitutivos do espaço histórico: o nível em que a reprodução social se dá a partir da reprodução dos indivíduos enquanto tais.

Como os homens estão agindo na vida cotidiana, e esta ação significa responder ativamente, o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a relação *direta* entre pensamento e ação; a conduta específica da cotidianidade é a conduta imediata, sem a qual os automatismos e o espontaneísmo necessários à reprodução do indivíduo enquanto tal seriam inviáveis. Porém, se, por um lado, não podemos negligenciar o campo da imediaticidade, por outro, não podemos tê-lo como o único dado social a ser considerado. Há que se observar o nexo entre economia, ideologia e vida cotidiana: “[...] só a conexão de todos os três complexos produz a totalidade social de cada período, as suas proporcionalidades, a qualidade particular do espírito que neles impera”. (LUKÁCS, 2013, p. 638).

Lukács situa, portanto, neste nexos entre economia, ideologia e vida cotidiana a gênese das alienações e distingue as alienações sociais das religiosas: as primeiras são potências de vida brutal e maciçamente reais, enquanto a segunda relaciona-se com as deformações ideológicas da imagem humana do mundo. Não há aqui que se considerar que, para Lukács, as alienações religiosas são uma irrealidade, mas que, seguindo os contornos mais gerais do novo materialismo proposto por Marx (em oposição ao de Feuerbach), a dimensão ideológica deriva do processo material de produção e reprodução social:

O ponto de partida da religião enquanto estranhamento (*Entfremdung*), enquanto tipo do estranhamento (*Entfremdung*) predominantemente ideológico, de modo algum se evidencia como mais do que um momento determinante nessa imagem universal. A dimensão ideológica se revela – e assim foi dado o passo decisivo para a sua decifração – como um produto, como um derivado do processo de autorreprodução material da humanidade. (LUKÁCS, 2013, p. 647).

Desse modo, Lukács quer nos dizer que é necessário que o homem compreenda-se a si próprio como participante ativo do processo real de sua vida e isto é condição para se cessar a projeção alienada do homem em Deus:

[...] para que cesse a projeção estranhadora da essência da vida humana para o transcendente, o homem deve compreender a sua própria gênese, a sua própria vida como um momento de um processo no qual ele próprio sempre é um participante ativo, o qual, por isso mesmo, é seu próprio processo real de vida. (LUKÁCS, 2013, p. 648).

Para Lukács, então, a religião é uma deformação ideológica da imagem humana do mundo, cuja origem está no processo material de autorreprodução da humanidade.

Neste ponto, podemos articular os pensamentos de Feuerbach e Lukács, tendo como parâmetro as categorias *alienação*, *ser genérico* e *ser social*: em Feuerbach, a religião é um engano, é a alienação da essência humana, do ser genérico do homem em um ser imaginário; Lukács concorda com tal afirmação, mas não se limita a isto e situa no processo material do fazer-se-humano do ser social a raiz do fenômeno e a possibilidade de sua superação.

Aliás, ao tratar do tema na parte final da *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins* (dedicada à alienação, *Entfremdung*), Lukács afirma que Feuerbach deu o impulso decisivo para moldar, a partir do materialismo filosófico, uma visão de mundo autêntica e abrangente que se tornaria o fundamento da revolução social. Porém, é Marx, crítico de Feuerbach, que vai além deste “[...] por expandir o problema para o ser e o devir sóciomaterial dos homens”:

[...] a constatação de Feuerbach de que não é a religião que faz o homem, mas o homem que faz a religião é complementada por Marx, por conseguinte, de modo tal que amplia o estranhamento religioso e seu desmascaramento teórico para um complexo sociopolítico geral de problemas da história da humanidade. (LUKÁCS, 2013, p. 642).

Esta é, pois, a perspectiva lukacsiana.

4 Conclusões

Desconhecendo suas potencialidades, o homem as aliena em um ser superior, exterior a ele. Não reconhecendo o objeto religioso como sua própria essência objetivada, a essência humana projetada em Deus (o predicado) torna-se a verdade do sujeito, mas este não a reconhece mais. Assim, na religião, o homem

relaciona-se com a sua essência como se ela fosse uma outra que não lhe pertence mais. Este é o cerne da crítica religiosa de Feuerbach, pela qual ele inverte de maneira materialista a relação entre Deus e ser humano e transforma os problemas teológicos em problemas antropológicos. Porém, Feuerbach não foi capaz de estender tal crítica filosófico-antropológica ao ser humano concreto, ao ser humano histórico-social.

Na senda aberta por Marx, Lukács vai dar uma nova orientação, de cunho ontológico, à crítica feuerbachiana, ressaltando a dimensão histórica e ativa do homem. Para o pensador húngaro, a alienação estabelece-se como contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e o crescimento de indivíduos singulares: tem-se, por um lado, a elevação das potencialidades humanas proporcionada pelo desenvolvimento das forças produtivas e, por outro, o aviltamento cada vez mais intenso das individualidades, em condições históricas específicas. A religião é um destes obstáculos e é uma forma de manifestação ideológica imediata da alienação. Para Lukács, então, a religião é uma deformação ideológica da imagem humana do mundo, cuja origem está no processo material de autorreprodução da humanidade.

Esta é, pois, a diferença entre as perspectivas das críticas religiosas de Feuerbach e Lukács: para aquele, a religião é um engano, é a exteriorização da essência humana, do ser genérico do homem, em um ser imaginário; para o autor da *Ontologia do ser social*, é isso, mas é mais: é uma projeção estranhada da essência humana no transcendente cuja origem se situa no processo material do fazer-se humano do ser social, sendo esta também a possibilidade de sua superação.

Referências

BRANT CARVALHO, M. C.; NETTO, J. P. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

CHAGAS, E. F. A vontade é livre? Natureza e ética em Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*, Fortaleza, n. 06, set/2015, disponível em: <<http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/article/view/208>>, acesso em: 10/out/2015.

CHAGAS, E. F. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o Homem e/ou Natureza divinizados. *Revista Dialectus*, Fortaleza, n. 04, 2014, disponível em: <<http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/article/view/151>>, acesso em: 10/out/2015.

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREDERICO, C. *O Jovem Marx – 1843-1844: as Origens da Ontologia do Ser Social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LUKÁCS, G. *Para uma Ontologia do Ser Social, Vol. I*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G.. *Para uma Ontologia do Ser Social, Vol. II*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. *Marx: a teoria da alienação*. Tradução de Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SCHÜTZ, R. *Religião e capitalismo – uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.